

## **Circulação, redes e percursos dos escolares portugueses na *Christianitas* durante a Idade Média. Apresentação de um plano de tese de doutoramento em História Medieval<sup>1</sup>**

André de Oliveira-Leitão<sup>2</sup>  
*Universidade de Lisboa*

### Resumo

O presente trabalho visa dar a conhecer o *status quæstionis* do nosso plano de tese de doutoramento, intitulado *Escolares portugueses na Christianitas (séculos XII-XV): circulação, redes e percursos*. Assumindo-se como ponto de partida a inexistência de um estudo de conjunto sobre a circulação de portugueses nos *studia generalia* da Cristandade medieval e o desigual questionário científico propiciado pelas obras parcelares que fazem luz sobre a presença portuguesa num reduzido conjunto de universidades (Salamanca, Bolonha, Paris, Toulouse ou Montpellier), procuraremos colmatar essa lacuna através de uma reavaliação das fontes, com o intuito de obter de uma visão panorâmica da presença portuguesa nos principais centros académicos da Europa medieval entre os meados do século XII e os inícios do século XV.

### Abstract

This essay aims to present the current status of research of my Ph.D. thesis, entitled *Portuguese scholars in Christianitas (12<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> centuries): mobilities, networks, careers*. Currently, there is no comprehensive study about the mobility of Portuguese students through the *studia generalia* of medieval Christendom. In addition, the several volumes written about the presence of Portuguese scholars in a small group of universities (Salamanca, Bologna, Paris, Toulouse or Montpellier) do not share the same methodological approach nor the same scientific questionnaire. In order to bridge this gap, I will re-analyse the sources, as to obtain an overview of the Portuguese presence in the major academic centres of medieval Europe between the mid-twelfth and the early-fifteenth century.

## INTRODUÇÃO

*Escolares portugueses na Christianitas (séculos XII-XV): circulação, redes e percursos* constitui o título do presente plano de doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de uma bolsa (SFRH/BD/77835/2011), e que esteve, na sua génese, ligado ao programa de comemorações do centenário da (re)fundação da Universidade de Lisboa pelo Governo Provisório da República Portuguesa, por força dos decretos com força de lei publicados em 22 de Março (fundação das universidades de Lisboa e Porto e reforma da de Coimbra) e 9 de Abril de 1911 (constituição universitária). Nesse sentido, entendeu a reitoria da antiga Universidade

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado no âmbito do projecto *DEGRUPE: A dimensão europeia de um grupo de poder: o clero e a construção política das monarquias ibéricas (séculos XIII-XV)/The European dimension of a group of power: ecclesiastics and the political state building of the Iberian monarchies (13<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> centuries)*, com a referência FCT PTDC/EPH-HIS/4964/2012, financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P./Ministério da Educação e Ciência (FCT/MEC), e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade (POFC). Gostaríamos de deixar aqui expresso um agradecimento aos nossos orientadores, Professores Doutor Hermenegildo Fernandes (FL-ULisboa) e Doutora Hermínia Vasconcelos Vilar (UEvora) e, bem assim, à Professora Doutora Maria Cristina Almeida e Cunha (FL-UPorto), pelas notas e sugestões que nos deixou aquando do comentário ao plano de tese por ocasião da IV edição do Workshop de Estudos Medievais (5 de Abril de 2013) e à Professora Doutora Maria João Branco (FCSH-UNL), que também comentou o texto por ocasião da apresentação pública dos projectos de doutoramento da IV Edição do Programa Interuniversitário de Doutoramento em História (25 de Junho de 2013).

<sup>2</sup> Bolseiro de doutoramento da FCT; doutorando do PIUDHist (Programa Interuniversitário de Doutoramento em História); investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa) e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

de Lisboa (UL) criar um grupo de trabalho, dirigido pelo então Pró-Reitor com o pelouro das comemorações do centenário (Professor José Pedro Sousa Dias) e destinado ao estudo da história da instituição nas suas vertentes medieval, por um lado, e contemporânea, por outro.

Tendo sido chamado a colaborar, na qualidade de bolseiro, na primeira das linhas do dito grupo (coordenada pelo Professor Hermenegildo Fernandes), desenvolvi um contacto íntimo e aprimorado com uma riquíssima e vastíssima antologia documental versando a história institucional, mas também económica e social, da universidade e dos universitários portugueses durante a Baixa Idade Média.

Tal antologia – o *Chartularium Universitatis Portugalensis* (CUP)<sup>3</sup> – havia sido dada à estampa ao longo de perto de quarenta anos (1966-2004) por uma equipa sucessivamente coordenada por alguns nomes de vulto da cultura portuguesa, constituindo uma compilação factícia de perto de sete mil diplomas balizados entre as datas apontadas para o estabelecimento do Estudo Geral em Lisboa (1288), e a translação/refundação<sup>4</sup> da Universidade em Coimbra por D. João III (1537) – e cujo conteúdo continuava (e continua, ainda em parte) largamente por explorar.

Foi, pois, enquanto bolseiro deste projecto, subordinado à temática da história da universidade medieval em Lisboa (cujos resultados foram recentemente dados à estampa numa co-edição da Reitoria da Universidade de Lisboa e das Edições Tinta-da-China)<sup>5</sup> que germinou o desígnio de uma tese versando sobre os escolares portugueses no estrangeiro.

Como dissemos anteriormente, o CUP constitui uma compilação factícia, tendo os seus coordenadores envidado esforços em vários arquivos (mormente a Torre do Tombo e o *Archivio Segreto Vaticano*) no sentido de apurarem indivíduos oriundos dos territórios diocesanos portugueses que, no período considerado, figurassem taxonomicamente como estudantes, escolares, bacharéis, licenciados, mestres ou doutores, assumindo – sem dúvida, exageradamente – que todos poderiam ter tido uma

---

<sup>3</sup> Artur Moreira de Sá *et al.*, coord., *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, pref. de Marcelo Caetano, 16 vols. (Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia/Instituto Nacional de Investigação Científica/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1966-2004).

<sup>4</sup> Não abordaremos a velha (e debatida) questão da natureza das transferências do Estudo entre Lisboa e Coimbra, por ser questão acessória neste trabalho; neste sentido, usaremos o termo *deslocalização*, de cariz neutro, a fim de obviar ao incómodo que a escolha terminológica (*transferência* ou *refundação*) poderia propiciar. Com efeito, gerou-se na década de 1960 conhecida polémica entre as academias de Lisboa e Coimbra, tendo em vista determinar qual a natureza das sucessivas deslocalizações do Estudo Geral entre as duas cidades – se transferências, se fundações *ex novo*. A polémica, com o seu quê de bizantino, na expressão de Hermenegildo Fernandes (“Introdução,” in Hermenegildo Fernandes, coord., *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, pref. de António Sampaio da Nóvoa (Lisboa: Universidade de Lisboa/Tinta-da-China, 2013), 25), prendia-se com uma disputa mais vasta para determinar, de entre as universidades hoje existentes, qual detinha a primazia da representação do velho Estudo Geral – se a antiga Universidade de Lisboa (UL), tradicionalmente chamada «clássica», refundada em 1911 e fundida em 2013 com a Universidade Técnica de Lisboa numa nova Universidade de Lisboa (ULisboa), se a de Coimbra (UC), aí instalada por D. João III em 1537. Em 1960, no contexto do centenário da morte do Infante D. Henrique (o primeiro protector do Estudo Geral ligado à Casa Real, o qual havia dotado a universidade de uma nova sede, em 1431, para além de ter legado uma importante soma pecuniária ao Estudo para celebração de sufrágios pela sua alma), o então reitor Marcelo Caetano determinou que a UL perpetuasse a vetusta tradição de mandar rezar missas pelo Infante, pretendendo assim honrar a sua memória mas gerando, por seu turno, uma violentíssima quezília com Coimbra. Por isso, não era indiferente determinar a precisa natureza jurídica das deslocalizações – enquanto uma simples transferência do Estudo entre as duas cidades favorecia o primado coimbrão, um sucessivo refundar da Universidade conferia precedência à academia ulixibonense. Sobre a polémica, veja-se o opúsculo que Caetano ordenou imprimir, *Documentos da Universidade de Lisboa acerca da Moção e da Exposição da Universidade de Coimbra de Fevereiro de 1960* (Lisboa: [Universidade de Lisboa], 1960), reeditado em Marcelo Caetano, *Pela Universidade de Lisboa! (1959-1962) Estudos e Orações*, pref. de Joaquim Veríssimo Serrão (Lisboa: Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974).

<sup>5</sup> Hermenegildo Fernandes, coord., *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, pref. de António Sampaio da Nóvoa (Lisboa: Universidade de Lisboa/Tinta-da-China, 2013).

vinculação à Universidade de Lisboa. Essa ligação – inconclusiva em muitos dos casos, como a investigação que desenvolvemos veio a comprovar – levou à incorporação no CUP de inúmeros documentos que testemunhavam a presença de escolares lusos em outros estudos gerais da Cristandade medieval.

Foi ao folhear, ao acaso, na Biblioteca do Centro de História da Universidade de Lisboa, uma compilação documental sobre o Estudo de Pádua<sup>6</sup> que me apercebi de que o carácter volumoso do CUP não fazia dele exaustivo. Ao privilegiar a conexão destes escolares à Universidade de Lisboa, terão porventura os seus organizadores descurado a consulta de outros cartulários universitários, constando do CUP sobretudo (ainda que não exclusivamente) alguns documentos oriundos dos *Livros de Actos e Graus* do estudo bolonhês.<sup>7</sup>

Comprendemos, então, que estava ainda por fazer um estudo sistemático sobre a presença e circulação destes portugueses no Ocidente europeu – o que constituirá o móbil da presente dissertação. Com efeito, embora a temática dos escolares portugueses na Europa medieval tenha já suscitado alguns estudos parcelares, estes incidiram apenas sobre um reduzido conjunto de universidades (Salamanca, Bolonha, Paris, Toulouse ou Montpellier) e sobretudo em cronologias mais tardias (séculos XV e XVI), apresentando como deficiências a inexistência de um questionário metodológico comum e o seu desigual valor científico.

O estudo que iremos empreender versará, pois, sobre a presença de portugueses nos *studia generalia* da Cristandade, no período que medeia entre o segundo quartel do século XII (compreendendo assim as origens da nacionalidade e a autonomização política do espaço português no quadro da *Hispania* face à Coroa de Leão-Castela, bem como a fundação dos primeiros estudos gerais – destacando-se à cabeça o de Bolonha, o mais antigo em contínuo funcionamento, e para o qual se aponta como data tradicional de fundação o ano de 1088, ou o de Paris, estabelecido nos meados do século XII) e o início do século XV (marcando-se a cisão com o fim do Cisma do Ocidente e a eleição de Martinho V, em 1417, pelo Concílio de Constança).<sup>8</sup>

O espaço geográfico abrangido será, naturalmente, o da Europa Ocidental (ou melhor, da *Latinitas*) onde, desde o final do século XI e até ao *terminus a quo* definido, foram sendo fundados os seguintes estudos gerais (muitos dos quais efemeramente): nas Coroas de Castela – Palência (c. 1208), Salamanca (c. 1218), Valladolid (c. 1241), Sevilha (1254), Múrcia (1271) e Alcalá (1293, refundado em 1499) – e de Aragão – Lleida (1300), Perpignan (1350) e Huesca (1354) –, nos reinos de França – Paris (c. 1150), Toulouse (1229), Orleães (c. 1236), Angers (c. 1250), Montpellier (1289), Cahors (1332), Grenoble (1339), Orange (1365) ou Aix-en-Provence (1409), sem esquecer Avinhão (1333), enclave pontifício incrustado em território gaulês –, e de Inglaterra – Oxford (1167) e Cambridge (1209) –, nos estados italianos – Bolonha (c. 1088), Vicenza (1204), Arezzo (1215), Pádua (1222), Nápoles (1224), Siena (1246), Roma (*studium curiæ*, 1245; *studium urbis*, 1303), Piacenza (1248), Macerata (1290), Perugia (1308), Treviso (1318), Florença (1321), Verona (1339), Pisa (1343), Pavia (1361), Lucca (1369), Ferrara (1391) e Turim (1404), – e ainda em algumas cidades do Império e vários estados da Europa Central – Praga

---

<sup>6</sup> Gasparo Zonta e Giovanni Brotto, eds., *Acta Graduum Academicorum Gymnasii Patavini, ab anno 1406 ad annum 1450*, I (Roma-Padova: Editrice Antenore, 1922).

<sup>7</sup> Albano Sorbelli, ed., *Il «Liber Secretus Iuris Cesarei» dell'Università di Bologna*, 2 vols. (Bologna: Istituto per la Storia dell'Università di Bologna, 1938-1942).

<sup>8</sup> Esta data pareceu-nos o momento apropriado para a cesura, por nos permitir rastrear os efeitos que o Cisma teve na deslocação de universitários ao estrangeiro, durante os turbulentos anos de múltiplas obediências papais, o que se pautou, em Portugal, pela confusão generalizada durante os anos finais do reinado de D. Fernando e a sua aparente vinculação ao papado avinhonense, seguindo-se a ligação ao romano Urbano VI do recém-entronizado D. João I (designado rei nas Cortes de Coimbra de 1385) e, em condições ainda difíceis de explicar, uma obediência ao pontífice pisano (Alexandre V), após a indicação deste último para o trono de São Pedro em 1409.

(1347), Cracóvia (1364), Viena (1365), Pécs (1368), Erfurt (1379), Heidelberg (1385), Colónia (1388), Buda (1389) ou Würzburg (1402).<sup>9</sup>

## CONSPECTO HISTORIOGRÁFICO

Os estudos sobre a universidade medieval e os seus estudantes enquadram-se numa tradição iniciada pela historiografia positivista de finais do século XIX. Incluem-se neste escopo a primeira grande compilação documental sobre um *studium* medieval (o *Chartularium Universitatis Parisiensis*, dado à estampa entre 1889 e 1897,<sup>10</sup> a que se seguiu, pouco depois, o *Cartulaire de l'Université de Montpellier*, publicado por Joseph Calmette em 1890,<sup>11</sup> ou ainda, um pouco mais tarde, o *Chartularium Studii Bononiensis*, publicado entre 1909 e 1927);<sup>12</sup> desta época são também os primeiros estudos monográficos de vulto, a saber, as obras de Heinrich Denifle<sup>13</sup> e de Hastings Rashdall<sup>14</sup> sobre as universidades europeias na Idade Média. Em Portugal, pela mesma altura, o prolífico (e prolixo) Teófilo Braga foi encarregado, pela Academia das Ciências de Lisboa, da composição de uma *História da Universidade de Coimbra*,<sup>15</sup> destinada a comemorar o centenário da fundação do Estudo Geral que se estabeleceu em Lisboa entre 1288 e 1290 e que, a partir de 1537, conheceu como sede definitiva a cidade do Mondego.

A temática dos escolares portugueses na Europa medieval suscitou já alguns estudos parcelares, que tiveram início nos anos 50 do século XX, tendo desde então sido publicadas várias monografias de desigual valor científico sobre o tema. A maior parte destas obras incidiu num conjunto reduzido de universidades, designadamente Salamanca (com as obras de Veríssimo Serrão,<sup>16</sup> Ángel Marcos de Díos<sup>17</sup> ou Armando de Jesus Marques),<sup>18</sup> Bolonha (três estudos de grande dimensão levados a cabo por António

<sup>9</sup> Para a cronologia das fundações universitárias, veja-se por todos Jacques Verger, “Patterns,” in Walter Rüegg, ed., *A History of the University in Europe*, I (*Universities in the Middle Ages*), coord. Hilde de Ridder-Symoens (Cambridge et al.: Cambridge University Press, 1992), 62-65.

<sup>10</sup> Heinrich Denifle, Charles Samaran e Émile Chatelain, eds., *Chartularium Universitatis Parisiensis*, 4 vols. (Paris: Ex Typis Fratrum Delalain, 1889-1897).

<sup>11</sup> Joseph Calmette, ed., *Cartulaire de l'Université de Montpellier publié sous les auspices du Conseil Général des Facultés de Montpellier*, I (1181-1400) (Montpellier: Imprimé par la Maison Ricard Frères, 1890).

<sup>12</sup> Luigi Nardi e Emilio Orioli, eds., *Chartularium Studii Bononiensis. Documenti per la Storia dell'Università di Bologna delle origini fino al secolo XV*, 14 vols. (Bologna: Presso l'Istituto per la Storia dell'Università di Bologna, 1909-1938).

<sup>13</sup> Heinrich Denifle, *Die Entstehung der Universitäten des Mittelalters bis 1400* (Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1885).

<sup>14</sup> Hastings Rashdall, *The Universities of Europe in the Middle Ages*, 3 vols. (Oxford: Clarendon Press, 1895).

<sup>15</sup> Teófilo Braga, *Historia da Universidade de Coimbra nas suas Relações com a Instrução Pública Portuguesa*, 4 vols. (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1892-1902). Escrevendo num período dominado por uma única universidade no país (embora existissem já, nas duas principais cidades do reino, instituições de ensino superior não integradas – prenúncio das futuras faculdades das Universidades de Lisboa e Porto instituídas após a revolução republicana), o ilustre polígrafo açoriano propôs-se fazer, em quatro grossos tomos, uma história da Universidade que então se encontrava sediada em Coimbra, mas dedicando metade do primeiro tomo às primícias da mesma em Lisboa, numa lógica de sucessivas transferências da instituição que era, para todos os efeitos, encarada como a herdeira do velho estudo dionisino.

<sup>16</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, “Portugueses no Estudo Geral de Salamanca (1250-1550),” vol. I (Dissertação para concurso a professor extraordinário, Universidade de Lisboa, 1962).

<sup>17</sup> Ángel Marcos de Díos, “Portugueses en la Universidad de Salamanca” (Dissertação de doutoramento, Universidad de Salamanca, 1975).

<sup>18</sup> Armando de Jesus Marques, “Portugueses nos claustros salmantinos no século XV,” *Revista Portuguesa de Filosofia* 19/2 (1963): 167-186; id., “Conselheiros portugueses na Universidade de Salamanca,” *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, 25 (1976-77): 418-420; id., *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos Escolares Lusos no Governo do Estudo. 1503-1512* (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1980).

Domingues de Sousa Costa,<sup>19</sup> bem como um outro estudo de Antonio García y García),<sup>20</sup> Paris (Luís de Matos),<sup>21</sup> Toulouse (Veríssimo Serrão)<sup>22</sup> ou Montpellier (também por Veríssimo Serrão).<sup>23</sup> Para além destes estudos, produziram-se ainda pequenos artigos sobre os escolares portugueses no Meridiano francês (de Veríssimo Serrão)<sup>24</sup> ou em Itália (da autoria de Nuno Espinosa Gomes da Silva<sup>25</sup> e de Virgínia Rau),<sup>26</sup> bem como uma nótula sobre portugueses em Oxford e Cambridge (de Peter Russel).<sup>27</sup> Está ainda por fazer, pois, uma análise sistemática da presença e circulação destes portugueses no Ocidente europeu.

A maior parte dos estudos citados são bastante datados, tendo sido produzidos na sua esmagadora maioria entre as décadas de 1950 e 1970, pelo que, com a renovação historiográfica operada em Portugal nos últimos quarenta anos, urge rever criticamente as metodologias utilizadas pelos autores; o aproveitamento prosopográfico dos dados neles contidos deve, pois, revestir-se da maior cautela.<sup>28</sup> Não existe, nestas obras, um questionário metodológico comum para a análise dos dados, que será um dos objectivos a que nos propomos nesta tese – observar o conjunto dos escolares que frequentaram as várias universidades através de um mesmo prisma. Além disso, é ainda de notar que a maior parte das monografias citadas se concentra em cronologias relativamente tardias (os séculos XV e XVI, para os quais o arquivo – enquanto conjunto da documentação que sobreveio até aos nossos dias – é evidentemente maior), olvidando assim a possibilidade de estudantes portugueses aí se terem estabelecido em datas mais recuadas.

A maior parte dos estudos apresentados foi coeva de um projecto de longa duração (tendo-se espalhado ao longo de mais de cinquenta anos), o qual que foi pioneiro em Portugal no conhecimento dos universitários portugueses durante a Idade Média – embora o seu labor tenha permanecido relativamente olvidado, e os seus frutos praticamente inexplorados até hoje. Falamos do CUP (a que já anteriormente aludimos),

---

<sup>19</sup> António Domingues de Sousa Costa, “Estudantes portugueses na Reitoria do Colégio de São Clemente de Bolonha na primeira metade do século XV,” *Arquivos de História da Cultura Portuguesa* 3/1 (1969); id., “Portugueses no Colégio de São Clemente de Bolonha durante o século XV,” *Studia Albornotiana* 13 (1973): 211-415; id., *Portugueses no Colégio de São Clemente e na Universidade de Bolonha durante o século XV*, 2 vols. (Bologna: Servicio de Publicaciones del Real Colegio de España, 1990).

<sup>20</sup> Antonio García y García, “Escolares ibéricos en Bolonia (1300-1330),” in *Estudios sobre los Orígenes de las Universidades Españolas. Homenaje de la Universidad de Valladolid a la Universidad de Bolonia en su IX Centenario* (Valladolid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Valladolid, 1988), 113-134; id., “Escolares de la diócesis de Guarda y Lamego en Salamanca durante la Baja Edad Media (siglos XII-XV),” in *O Tratado de Alcanices e a Importância Histórica das Terras de Riba Côa. Actas do Congresso Histórico Luso-Espanhol (12-17 de Setembro de 1997)* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998), 303-313.

<sup>21</sup> Luís de Matos, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1950).

<sup>22</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, *Portugueses no Estudo de Toulouse* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1954); id., *Les Portugais à l'Université de Toulouse (XIII<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles)* (Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970).

<sup>23</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, *Les Portugais à l'Université de Montpellier (XII<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles)* (Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971).

<sup>24</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, “Escolares portugueses nas universidades do Sul de França (1350-1400),” *Ocidente* XLIV (1953): 105-112; id., “Étudiants portugais dans les Universités du Midi de la France à la fin du XIV<sup>e</sup> siècle,” *Bulletin Philologique et Historique (jusqu'à 1715) du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques. Années 1953-1954* (1955): 265-272.

<sup>25</sup> Nuno José Espinosa Gomes da Silva, “João das Regras e outros juristas portugueses da Universidade de Bolonha (1378-1421),” *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* 12 (1958): 223-253.

<sup>26</sup> Virgínia Rau, “Alguns estudantes e eruditos portugueses em Itália no século XV,” *Do Tempo e da História* 5 (1972): 29-99.

<sup>27</sup> Peter Edward Russel, “Medieval Portuguese students at Oxford University,” *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte* I. Band (Münster: Aschendorff Verlag, 1960): 183-191.

<sup>28</sup> Assim sucede, por exemplo, com os estudos de Veríssimo Serrão, onde a identificação de determinados escolares com outras personagens do tempo parece não revestir, muitas das vezes, de uma absoluta segurança, ou dos estudos de Sousa Costa que, sendo profícuo na transcrição documental dos fundos da Universidade de Bolonha e do Colégio de São Clemente, nem sempre manifesta juízos de valor acertados na heurística e hermenêutica dos documentos.

um grandioso programa de edição desenvolvido por uma pequena equipa de investigadores e bolsiros (coordenada por Artur Moreira de Sá, professor da Faculdade de Letras de Lisboa) e iniciado uma vez mais sob o signo do comemorativismo – com efeito, em 1960 celebravam-se os quinhentos anos da morte do infante D. Henrique (protector do Estudo Geral no século XV) e, em 1961, os cinquenta anos do decreto da (re)fundação da Universidade de Lisboa, factos coevos da transferência das instalações da Reitoria e das Faculdades de Direito e de Letras para a sua presente localização, na Cidade Universitária de Lisboa.

O CUP foi decalcado sobre o modelo francês de edição do *Chartularium Universitatis Parisiensis*, sendo mais ou menos contemporâneo do *Cartulario de la Universidad de Salamanca*, organizado por Vicente Beltrán de Herédia, O.P.<sup>29</sup> – de resto, na introdução ao primeiro volume, significativamente prefaciada por Marcelo Caetano, antigo reitor da Universidade de Lisboa (1959-1962) e futuro Presidente do Conselho (1968-1974), Moreira de Sá deplorava o atraso com que em Portugal se iniciava a edição do seu cartulário universitário, por comparação com a maior parte dos países europeus.<sup>30</sup> O programa de edição, gizado por Moreira de Sá durante uma estadia nos Estados Unidos, em 1948 (como o próprio confessara já num artigo onde anunciava a publicação, para breve, do cartulário português<sup>31</sup>), viu finalmente a luz do dia em 1966, estando inicialmente adstrito ao Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia (que Moreira de Sá então dirigia), sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; o programa não desmereceu nunca o financiamento por parte dos sucessivos organismos que, ao longo dos anos, viriam a tutelar a investigação científica em Portugal – o Instituto de Alta Cultura (1966-1976), o Instituto Nacional de Investigação Científica (1976-1992), a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (1992-1995) e, por fim, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (desde 1997), com a edição de um primeiro volume de índices em 2004. A equipa, liderada por Artur Moreira de Sá (1913-1989) e, depois, sucessivamente, por Francisco da Gama Caeiro (1928-1994), António Domingues de Sousa Costa, O.F.M. (1926-2002), Miguel Pinto de Meneses (1917-2004) e Alice Estorninho, recolheu e transcreveu, como já se disse, perto de sete mil documentos relativos à universidade lusa e aos escolares medievais portugueses.

Os estudos em torno da Universidade portuguesa e dos seus escolares têm merecido um novo olhar a partir dos finais do século XX e inícios do século XXI, ainda que duas das suas realizações maiores sejam, uma vez mais, produzidas no âmbito de programas comemorativos de centenários. Assim, a *História da Universidade em Portugal*<sup>32</sup> nasceu do esforço de um grupo de trabalho ligado às celebrações dos 700 anos da fundação do Estudo Geral de Lisboa, depois trasladado para Coimbra (tendo no entanto ficado limitado aos períodos medieval e moderno, terminando imediatamente antes da reforma pombalina da universidade, em 1772); mais recentemente, no quadro dos 100 anos da fundação da antiga UL, a Reitoria da mesma financiou, como já foi dito, um projecto de investigação destinado, por um lado, ao estudo do lapso de tempo em que o Estudo Geral esteve vinculado à cidade de Lisboa, entre 1288 e 1537<sup>33</sup> e, por outro, à

---

<sup>29</sup> Vicente Beltrán de Herédia, ed., *Cartulario de la Universidad de Salamanca (1218-1600)*, 6 vols. (Salamanca: Universidad de Salamanca, 1970-1973).

<sup>30</sup> Artur Moreira de Sá *et al.*, coord., *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*, pref. de Marcelo Caetano, I (1288-1377) (Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia, 1966): XII-XIII, XVIII-XIX.

<sup>31</sup> Artur Moreira de Sá, “Dúvidas e problemas sobre a universidade medieval portuguesa [I],” *Revista da Faculdade de Letras [Lisboa]*, III série, 8 (1964): 241.

<sup>32</sup> *História da Universidade em Portugal*, 2 vols. (Coimbra/Lisboa: Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian, 1995).

<sup>33</sup> Hermenegildo Fernandes, coord., *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, pref. de António Sampaio da Nóvoa (Lisboa: Universidade de Lisboa/Tinta-da-China, 2013).

universidade novecentista e às escolas superiores que a precederam ao longo da centúria de oitocentos.<sup>34</sup>

De destacar são também as recentes obras de José Artur Duarte Nogueira sobre o estudo do direito antes da fundação da Universidade;<sup>35</sup> de José Antunes sobre a cultura erudita em Portugal;<sup>36</sup> de José Meirinhos sobre vários letrados portugueses deste período como estudos de caso;<sup>37</sup> de Manuela Mendonça sobre os portugueses em Siena;<sup>38</sup> de Mário Farelo sobre a *peregrinatio academica* dos estudantes portugueses para Paris;<sup>39</sup> de Armando Norte sobre letrados e cultura letrada em Portugal;<sup>40</sup> ou finalmente de André Vitória sobre a cultura jurídica no Portugal medievo.<sup>41</sup>

A juntar a este corpo de publicações, vários projectos de investigação em contexto medieval financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia têm colhido, ainda que marginalmente, informações pertinentes para a dissertação que ora empreendemos. Tais são os casos de *O poder económico, social e político do Cabido da Sé de Braga em finais da Idade Média (séculos XIII-XVI)*,<sup>42</sup> coordenado por Ana Maria Seabra de Almeida Rodrigues (executado na Universidade do Minho entre 1997 e 1999) ou os *Fasti Ecclesiae Portugaliae. Prosopografia do clero catedralício português (1070-1325)*,<sup>43</sup> coordenado por Ana Maria Castelo Martins Jorge (executado no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa entre 2002 e 2005). Espera-se ainda que os trabalhos a desenvolver no âmbito do projecto *DEGRUPE: A dimensão europeia de um grupo de poder: o clero na construção política das monarquias peninsulares (séculos XIII-XV)*,<sup>44</sup> coordenado por Hermínia Maria de Vasconcelos Alves Vilar (em execução no CIDEHUS-UÉ durante o triénio 2013-2015), tenham também os seus frutos nesta área. Todos eles, ao darem particular enfoque aos clérigos portugueses na Idade Média, abriram novos caminhos à investigação sobre os escolares portugueses e à sua mobilidade pela Europa medieval.

Em contexto internacional, para além do volume de síntese dedicado à Idade Média coordenado por Hilde de Ridder-Symoens (parte de uma antologia mais vasta sobre a história das universidades europeias dirigida por Walter Rüegg e editada sob os

---

<sup>34</sup> Sérgio Campos Matos e Jorge Ramos do Ó, coord., *A Universidade de Lisboa nos Séculos XIX-XX*, pref. de António Sampaio da Nóvoa, 2 vols. (Lisboa: Universidade de Lisboa/Tinta-da-China, 2013).

<sup>35</sup> José Artur Anes Duarte Nogueira, “Sociedade e Direito em Portugal na Idade Média. Dos Primórdios ao Século da Universidade” (Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1994).

<sup>36</sup> José Antunes, “A Cultura Erudita Portuguesa nos Séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)” (Dissertação de doutoramento, Universidade de Coimbra, 1995).

<sup>37</sup> José Francisco Meirinhos, “Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores,” *Revista Española de Filosofía Medieval* 3 (1996): 51-76, <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55780> (acedido em 20-11-2014); id., “Afonso de Dinis de Lisboa: percurso de um filósofo, médico, teólogo, tradutor e eclesiástico do século XIV,” *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 4 (2007): 47-64, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4193.pdf> (acedido em 20-11-2014).

<sup>38</sup> Manuela Mendonça, “Portugueses na Universidade de Siena. Contribuição para a sua história,” in José María Soto Rábanos, coord., *Pensamento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, I (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Consejería de Educación y Cultura de la Junta de Castilla y León – Diputación de Zamora, 1998), 831-860.

<sup>39</sup> Mário Farelo, *La peregrinatio academica portugaise vers l’Alma mater parisienne, XII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècles* (thèse de master, Université de Montréal, 1999); id., “Les Portugais à l’Université de Paris au Moyen Âge. Aussi une question d’acheminements de ressources,” *Memini. Travaux et documents publiés par la Société des Études Médiévales du Québec* 5 (2001): 101-129; id., “Os estudantes e mestres portugueses nas escolas de Paris durante o período medievo (séculos XII-XV): elementos de história cultural, eclesiástica e económica para o seu estudo,” *Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Religiosa*, 2.<sup>a</sup> série, 13-14 (2001-02): 161-196, <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4424> (acedido em 20-11-2014).

<sup>40</sup> Armando Norte, “Letrados e Cultura Letrada em Portugal. Séculos XII-XIII” (Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, 2013), <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8941> (acedido em 20-11-2014).

<sup>41</sup> André Vitória, “Legal Culture in Portugal from the Twelfth to the Fourteenth Centuries” (Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto, 2013).

<sup>42</sup> PRAXIS/PCSH/HAR/63/96.

<sup>43</sup> POCTI/HAR/42885/2001.

<sup>44</sup> PTDC/EPH-HIS/4964/2012.

auspícios da Conferência de Reitores, Vice-Chanceleres e Presidentes das Universidades Europeias),<sup>45</sup> deve-se destacar ainda a obra de Ingo Fleisch sobre os escolares hispânicos dos séculos XII e XIII em espaços transpirenaicos,<sup>46</sup> a tese de Nathalie Gorochov sobre a Universidade de Paris até 1245,<sup>47</sup> para além de variada literatura sobre o tema compilada em livros de homenagem ou obras colectivas,<sup>48</sup> sendo neste âmbito particularmente relevantes as dadas à estampa pelo *Centro Interuniversitario per la Storia delle Università Italiane* (CISUI), que se afigura como um dos mais fecundos centros de estudos sobre a história das universidades europeias.<sup>49</sup> O debate em torno da divulgação destes dados suscitou inclusivamente a criação de uma rede internacional (*Heloïse*), cujos resultados têm vindo a ser divulgados em alguns encontros científicos internacionais, os *European Workshops on Historical Academic Databases* – com edições já realizadas em Poitiers (2012), Bolonha (2013) e Berna (2014).<sup>50</sup>

## OBJECTIVOS

Será nosso propósito traçar uma visão de conjunto em torno da problemática da mobilidade humana, difusão de conhecimentos, estabelecimento de redes e construção de carreiras, por parte dos estudantes que podemos afirmar, com segurança, estarem relacionados com o reino de Portugal, através do levantamento prosopográfico que estamos neste momento a desenvolver.

O objectivo central desta tese passa – uma vez concluído este processo de apuramento dos escolares com origem no território hoje português que levaram a cabo, no todo ou em parte, os seus estudos no âmbito mais vasto da Cristandade medieval dos séculos XII a XV – por compreender qual o impacto que estes homens assumiram no reino (ou se, eventualmente, tal impacto terá chegado a existir, posto que muitos poderão não ter regressado ao espaço de origem), de um ponto de vista social e cultural. Com efeito, esta dissertação constituirá não só um estudo de história social (tendo por objecto uma categoria populacional bem definida juridicamente – os escolares –, bem como a sua reprodução social enquanto grupo),<sup>51</sup> como também um estudo de história cultural (versando sobre a transmissão dos saberes no interior desse grupo e as repercussões que essa formação poderá ter assumido no reino de origem).

De modo correlato, afloraremos outras questões e hipóteses no quadro deste estudo. Assim, por exemplo, procuraremos identificar, quando possível, a articulação dos escolares portugueses com as redes de circulação diocesana, no âmbito das solidariedades eclesiásticas (visto todos os estudantes desfrutarem, pela sua ligação ao Estudo – uma instituição que tinha foro próprio, decalcado do modelo eclesial – dos

---

<sup>45</sup> Walter Rüegg, ed., *A History of the University in Europe, I (Universities in the Middle Ages)*, coord. Hilde de Ridder-Symoens (Cambridge et al.: Cambridge University Press, 1992) [trad. portuguesa: *Uma História da Universidade na Europa* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Fundação Eugénio de Almeida, 1996)].

<sup>46</sup> Ingo Fleisch, *Sacerdotium – Regnum – Studium. Der westberische Raum und die europäische Universitätskultur im Hochmittelalter. Prosopographische und rechtsgeschichtliche Studien* (Münster: LIT Verlag, 2006).

<sup>47</sup> Nathalie Gorochov, *Naissance de l'Université. Les Écoles de Paris d'Innocent III à Thomas d'Aquin (v. 1200-v. 1245)*, (Paris: Honoré Champion, 2012).

<sup>48</sup> Citem-se como exemplos: Cédric Giraud e Martin Morard, eds., *Universitas Scholarium. Mélanges offerts à Jacques Verger par ses anciens étudiants* (Genève: Librairie Droz, 2011); Jean Hiernard, Denise Turrel e Yannis Delmas-Rigoutsos, eds., *Les Routes Européennes du Savoir. Vita peregrinatio, fin du Moyen-Âge, XVII<sup>e</sup> siècle* (Paris: Les Indes Savantes, 2011).

<sup>49</sup> Vejam-se, v. g., as seguintes obras: Anna Esposito e Umberto Longo, eds., *Lauree. Università e Gradi Accademici in Italia nel Medioevo e nella Prima Età Moderna. Atti del Convegno di Studi. Roma, 16-17 Dicembre 2011* (Bologna: CLUEB/CISUI, 2013); Gian Paolo Brizzi e Andrea Romano, eds., *Studenti e Dottori nelle Università Italiane (Origini-XX Secolo). Atti del Convegno di Studi. Bologna, 25-27 Novembre 1999* (Bologna: CLUEB/CISUI, 2000).

<sup>50</sup> <http://heloise.hypotheses.org/> (acedido em 20-11-2014).

<sup>51</sup> Pierre Bourdieu, *Homo Academicus* (Paris: Les Éditions de Minuit, 1984).



privilégios, prerrogativas e obrigações do estado clerical), a eventual definição de percursos académicos (procurando-se determinar quanto tempo permaneciam estes homens no Estudo, quais os graus que buscavam obter ou quais as suas áreas de estudo – e neste último contexto, quais as matérias preferencialmente escolhidas pelos portugueses no estrangeiro, e se o faziam por insuficiência dos conhecimentos ministrados na universidade portuguesa, se pelo prestígio e apelo de que gozavam certos *studia* em determinadas áreas científicas), mas também a sua ligação a carreiras eclesiásticas ou ao serviço do monarca (sendo de destacar, nesse sentido, a política empreendida por algumas ordens religiosas – como agostinhos e bernardos –, bem como pela própria Coroa, de concessão de bolsas de estudo para o estrangeiro, inquirindo neste caso da pertinência de um interesse – quer das Ordens como do rei – subjacente a essa aquisição de conhecimentos fora do país).<sup>52</sup> A juntar a tudo isto, importa lembrar que a universidade medieval privilegiava a mobilidade (a chamada *peregrinatio academica*), tanto ou mais que a universidade contemporânea, sendo que, conforme era prescrito por um significativo número de regimentos universitários que chegaram até nós, os bacharéis e/ou licenciados tinham que se deslocar a outros *studia generalia* a fim de leccionarem as matérias em que se haviam formado, no sentido de poderem prosseguir os seus próprios estudos.

#### BASE DOCUMENTAL

Por entre os documentos já recensados no CUP, encontramos múltiplas referências a escolares portugueses noutros estudos gerais, a saber: Aix-en-Provence, Alcalá de Henares, Angers, Bolonha, Bordéus, Bourges, Cambridge, Ferrara, Lleida, Montpellier, Nantes, Oxford, Pádua, Paris, Pavia, Perugia, Pisa, Roma, Salamanca, Siena, Toulouse e Valladolid. A juntar a esta compilação, existem já várias fontes publicadas (ao longo do final do século XIX e de todo o século XX), relativamente aos estudos gerais franceses (Paris,<sup>53</sup> Montpellier<sup>54</sup> ou Toulouse),<sup>55</sup> italianos (Bolonha,<sup>56</sup>

---

<sup>52</sup> D. Maur Cocheril, “Les cisterciens portugais et les études. État de la question,” in *Los Monjes y los Estudios. 4.ª Semana de Estudios Monásticos* (Poblet: Abadía de Poblet, 1963), 235-246; Humberto Carlos Baquero Moreno, “Um aspecto da política cultural de D. Afonso V: a concessão de bolsas de estudo,” *Revista das Ciências do Homem*, série A, III/1 (1970): 177-205; Maria João Oliveira e Silva, “Bolseiros e bolsas de estudo no tempo de D. Afonso V,” in Luís Adão da Fonseca, Luís Carlos Amaral e Maria Fernanda Ferreira Santos, coords., *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, III (Porto: Livraria Civilização Editora, 2003), 1091-1099.

<sup>53</sup> Heinrich Denifle, Charles Samaran e Émile Chatelain, eds., *Chartularium Universitatis Parisiensis*, 4 vols. (Paris: Ex Typis Fratrum Delalain, 1889-1897).

<sup>54</sup> Joseph Calmette, ed., *Cartulaire de l'Université de Montpellier publié sous les auspices du Conseil Général des Facultés de Montpellier*, I (1181-1400) (Montpellier: Imprimé par la Maison Ricard Frères, 1890).

<sup>55</sup> René Gadave, ed., *Les Documents sur l'Histoire de l'Université de Toulouse et spécialement de sa Faculté de Droit Civil et Canonique (1229-1789)* (Toulouse: Université de Toulouse, 1910).

<sup>56</sup> Albano Sorbelli, ed., *Il «Liber Secretus Iuris Cesarei» dell'Università di Bologna*, 2 vols. (Bologna: Istituto per la Storia dell'Università di Bologna, 1938-1942).

Florença,<sup>57</sup> Ferrara,<sup>58</sup> Pádua<sup>59</sup> ou Siena)<sup>60</sup> e ingleses (Oxford<sup>61</sup> e Cambridge).<sup>62</sup> Além disso, devemos ainda destacar a construção e disponibilização de diversas bases prosopográficas *online*, relativas aos escolares de várias universidades europeias. Tais são os casos da base *BUDE (Base Unique de Documentation Encyclopédique)*,<sup>63</sup> o *Onomasticon. Prosopografia dell'Università di Perugia*,<sup>64</sup> o *Repertorium Academicum Germanicum (RAG)*,<sup>65</sup> o *Repertorium Academicum Pictaviense*<sup>66</sup> ou o *Studium Parisiense: Base de Données Prosopographique des Universitaires Parisiens*.<sup>67</sup> A quantidade de informação constante de fontes já publicadas ou disponibilizadas *online* é, pois, relativamente abundante, embora se afigure essencial a consulta dos arquivos, mormente a Torre do Tombo ou o *Archivio Segreto Vaticano*. O tipo de informações que se espera extrair destes informes é muito díspar; algumas referências são sumários de assentos de entrada de um dado escolar numa universidade, outros relatos mais pormenorizados sobre exames ou obtenção de graus de licenciado e doutor, com a descrição dos pontos sorteados, do júri e da cerimónia de aposição das insígnias doutorais. Embora potenciando informações de desigual valor, cremos que as fontes não se afiguram insuficientes para o estudo que ora empreendemos.

Sobre a presença de portugueses na maior parte destes estudos gerais, como vimos anteriormente, não foi ainda desenvolvida qualquer monografia de vulto e, apesar dos muitos estudos que se têm realizado e dos materiais que têm vindo a ser carreados, a verdade é que ainda não existem estudos sistemáticos sobre a presença de portugueses nos estudos das Coroas de Castela (Palência e Valladolid) ou de Aragão (Barcelona, Gerona, Huesca, Lleida, Perpignan e Saragoça), em França (Aix, Angers, Avinhão, Bordéus, Caen, Cahors, Grenoble, Nantes, Orange, Orleães, Poitiers), ou ainda nas cidades italianas (Arezzo, Ferrara, Modena, Nápoles, Pádua, Pavia, Perugia, Pisa, Reggio, Roma, Salerno, Siena, Treviso ou Vicenza, entre outras). Parece-nos também importante abordar os espaços do antigo Sacro Império Romano-Germânico (como Basileia, Colónia, Erfurt, Freiburg, Heidelberg, Ingolstadt, Leipzig, Mainz, Lovaina, Praga, Trier, Viena ou Würzburg) ou, mais para leste, os reinos da Hungria (Pécs, Buda) e da Polónia

---

<sup>57</sup> Armando Felice Verde, *Lo Studio Fiorentino, 1473-1503. Ricerche e Documenti*, 4 vols. (Pistoia: Presso Memorie Domenicane, 1973-1977).

<sup>58</sup> Giuseppe Pardi, *Titoli Dottorali Conferiti dallo Studio di Ferrara nei Secoli XV e XVI* (Lucca: A. Marchi, 1901 [Bologna, Forni, 1970]).

<sup>59</sup> Andrea Gloria, ed., *Monumenti della Università di Padova, 1319-1405*, 2-3 (Padova: Tipografia del Seminario, 1888 [Bologna, Arnaldo Forni Editore, 1972]); Elda Martellozzo Forin, ed., *Acta Graduum Academicorum Gymnasii Patavini, ab anno 1471 ad annum 1500*, II/3-6 (Roma/Padova: Editrice Antenore, 2001); id., *Acta Graduum Academicorum Gymnasii Patavini, ab anno 1501 ad annum 1525*, III/1 (Roma-Padova: Editrice Antenore, 1969); Gasparo Zonta e Giovanni Brotto, ed., *Acta Graduum Academicorum Gymnasii Patavini, ab anno 1406 ad annum 1450*, I (Roma-Padova: Editrice Antenore, 1922); Giovanna Pengo, ed., *Acta Graduum Academicorum Gymnasii Patavini, ab anno 1461 ad annum 1470*, II/2 (Roma-Padova: Editrice Antenore, 1992); Giovanni Brotto e Gasparo Zonta, *La Facoltà Teologica dell'Università di Padova, Parte I (Secoli XIV e XV)*, (Padova: Tipografia del Seminario, 1922); Giuseppe Pardi, *Titoli Dottorali Conferiti dallo Studio di Ferrara nei Secoli XV e XVI* (Ferrara: Ed. Fuori di Commercio, 1963); Jacopo Facciolati, *Fasti Gymnasii Patavini* (Sala Bolognese: Arnaldo Forni Editore, 1978); Michele Pietro Ghezzi, ed., *Acta Graduum Academicorum Gymnasii Patavini, ab anno 1451 ad annum 1460*, II/1 (Roma/Padova: Editrice Antenore, 1990).

<sup>60</sup> Giovanni Minucci, *Le Lauree dello Studio Senese alla fine del Secolo XV* (Milano: Dott. A. Giuffrè Editore, 1981); Giovanni Minucci e Leo Košuta, *Lo Studio di Siena nei Secoli XIV-XVI. Documenti e Notizie Bibliografiche* (Milano: Dott. A. Giuffrè Editore, S.p.A., 1989).

<sup>61</sup> Alfred Brotherston Emden, *A Biographical Register of the University of Oxford to A.D. 1500*, 3 vols. (Oxford: Clarendon Press, 1957-59).

<sup>62</sup> Alfred Brotherston Emden, *A Biographical Register of the University of Cambridge to 1500* (Cambridge: Cambridge University Press, 1963).

<sup>63</sup> <http://bude.irht.cnrs.fr/> (acedido em 20-11-2014).

<sup>64</sup> <http://old.unipg.it/Prosopografico/> (acedido em 20-11-2014).

<sup>65</sup> <http://www.rag-online.org/> (acedido em 20-11-2014).

<sup>66</sup> <http://repertorium.projets.univ-poitiers.fr/> (acedido em 20-11-2014).

<sup>67</sup> <http://lamop-vs3.univ-paris1.fr/studium/> (acedido em 20-11-2014).

(Cracóvia), visto não ser crível que as áreas culturais de língua alemã, magiar ou polaca constituíssem, *ipso facto*, um vazio para os escolares portugueses.<sup>68</sup>

## METODOLOGIA DE ANÁLISE

A nossa investigação assentará nas seguintes fases: numa primeira, já em curso, além de procedermos ao complemento das leituras teóricas sobre a história da universidade, temos levado a cabo também a identificação dos vários estudos onde se alude à presença de escolares portugueses no estrangeiro, tendo em vista o enquadramento dos dados que têm vindo a ser recolhidos. Concomitantemente, iniciámos a construção da base de dados prosopográfica, em suporte informático (MS Access), incluindo um número diversificado de campos (nem sempre passíveis de serem preenchidos, por insuficiência da documentação, mas ainda assim suficientemente abrangentes para nos proporcionarem um retrato verosímil dos indivíduos estudados): designação (nome próprio, patronímico ou apelido), datação cronográfica, origem geográfica, percurso académico, parentela, clientelas, produção intelectual, cargos e/ou funções profissionais, inserção social, fontes e bibliografia.

Numa segunda fase, trataremos da inventariação de toda a documentação disponível, seja presencialmente em arquivos e bibliotecas, seja aquela já disponibilizada *online*. Com efeito, e embora haja já várias fontes transcritas e publicadas (ainda que, dada a antiguidade de várias compilações documentais a consultar, muitas sejam obras de difícil acesso e se encontrem apenas nas bibliotecas dos seus países de origem), será imprescindível consultar os arquivos, designadamente os *Archivi di Stato* das antigas comunas italianas, bem como o *Archivio Segreto Vaticano* e os arquivos nacionais e universitários franceses, ingleses e espanhóis. Não se descurará a recolha documental em Portugal – na Torre do Tombo (ANTT), na Biblioteca Nacional (BNP) ou no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) –, visto que, sendo o *Chartularium Universitatis Portugalensis* uma compilação factícia, nem toda a informação relevante existente nos arquivos portugueses foi coligida. De igual forma, importa também proceder a uma releitura das crónicas antigas, não apenas as de carácter régio, mas sobretudo as de ordens religiosas (Pregadores, Menores, Agostinhos, Beneditinos, Cistercienses), visto serem geralmente pródigas em referências a frades que fizeram os seus estudos no estrangeiro,<sup>69</sup> e confrontar os dados assim obtidos, sempre que possível, com os registos existentes nos arquivos universitários.

Numa terceira fase, concomitante com a segunda, entrecruzaremos os dados que forem sendo apurados com os já previamente estabelecidos nas outras duas bases de dados preexistentes – as resultantes da investigação dos projectos dos *Fasti Ecclesiae Portugaliae* e da *Universidade Medieval em Lisboa*, a fim de se estabelecerem desde logo pontos de contacto entre os indivíduos que aí figuram. Por fim, na quarta e última fase, procederemos à escrita final da tese com base nas informações recolhidas.

## PROBLEMAS

---

<sup>68</sup> Veja-se, a este propósito, a dissertação de María Jesús Rodero Rodero, “Estructura social y población de las universidades en el Sacro Imperio-Nación Alemana en los siglos XV, XVI y XVII y los estudiantes hispano-lusos en ella según los libros de matrícula” (Dissertação de doutoramento, Universidade de Salamanca, 1984). Este estudo apresenta-se como o único que, até agora, abordou a presença de escolares hispânicos no espaço cultural alemão. Embora não nos parecesse crível que a língua fosse um obstáculo intransponível para os escolares medievais (dado que a *lingua franca* da cultura era o latim), parece no entanto tê-lo sido para os investigadores portugueses e espanhóis que, ao que julgamos saber, nunca se adentraram na presença hispânica no Sacro Império ao nível dos seus estudantes na Idade Média.

<sup>69</sup> Vejam-se, por exemplo, Fr. Leão de Santo Tomás, *Beneditina Lusitana*, 2 vols., ed. crítica de José Mattoso (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974), ou ainda Fr. Domingos Vieira, *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834)*. Edição da Coleção de Memórias de Frei Domingos Vieira, OESA, ed. crítica de Carlos A. Moreira Azevedo (Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2011).

Estamos conscientes das dificuldades em delimitar, com exactidão, o *corpus* prosopográfico que viermos a definir, visto que nunca poderemos ter a certeza de que todos os indivíduos arrolados correspondem verdadeiramente ao número total de escolares do nosso universo de estudo, seja pela ausência de registos para períodos mais recuados, seja pela insuficiência das informações constantes das fontes ou pelas lacunas das séries documentais, seja ainda pelo carácter de certa forma «artificial» da nossa construção, visto que, para estes homens – membros do clero, como já assinalámos –, a identificação fundamental perante o espaço onde se inseriam passava, primeiro, pelas dioceses de onde eram originários, e só depois pelo *Regnum* – acarretando assim o problema da não-coincidência entre o território que viria a ser o reino de Portugal e o das suas dioceses, pois que certas regiões limítrofes, como os arcediagos de Valença do Minho ou de Ribacôa, por exemplo, dependiam das dioceses «transfronteiriças» de Tui e Ciudad Rodrigo, a que se juntava ainda a velha questão das metrópoles eclesiásticas, que partia o reino entre as sufragâneas de Braga (que se espraiavam pelo Norte de Portugal e pela Galiza), e as de Santiago de Compostela e Sevilha (que controlavam eclesiasticamente as dioceses do Centro e Sul de Portugal, pelo menos até à erecção de Lisboa em arquidiocese metropolitana, nos finais do século XIV),<sup>70</sup> colocando-nos assim perante a questão de definir, concretamente, quem são os «portugueses» a que alude o nosso estudo.

Não obstante os problemas elencados, esperamos, ainda assim, conseguir precisar um *corpus* de escolares portugueses no estrangeiro suficientemente significativo (embora não seja fim último do projecto redigir biografias individuais, o que em muitos casos redundaria impossível pela mais que provável aridez das fontes) para que as conclusões gizadas sejam abrangentes e se possa fazer luz sobre as temáticas dos seus movimentos, da integração numa rede «europeia» e «transnacional», da constituição de uma elite (a nível religioso, político e académico) ou da comparação dos seus padrões de cultura com o dos seus contemporâneos – designadamente quais os conhecimentos que buscavam no exterior; julgamos também particularmente relevante determinar se houve uma distribuição equitativa nas escolhas dos portugueses no estrangeiro, tanto a nível de universidades como de matérias de estudo versadas, ou se houve flutuações nessas preferências ou até alguma preponderância de um ou outro *studium*, em geral, ou de alguma das ciências aí ministradas, em particular.

Convém, a este propósito, recordar que, de entre os estudantes portugueses no estrangeiro, apenas se conseguiu estabelecer com segurança, até agora, para o período em apreço, o percurso biográfico de um número relativamente escasso de indivíduos de entre um conjunto mais vasto de escolares, mormente os canonistas João de Deus (arcediago de Santarém e professor em Bolonha),<sup>71</sup> Vicente Hispano (chanceler-mor de D. Sancho II)<sup>72</sup> e Silvestre Godinho (arcebispo de Braga),<sup>73</sup> o jurista João das Regras (chanceler-mor de D. João I),<sup>74</sup> o teólogo Álvaro Pais (bispo de Silves e notável autor de

---

<sup>70</sup> Bernardo de Sá-Nogueira, “O espaço eclesiástico em território português (1096-1415),” in Carlos A. Moreira Azevedo, dir., *História Religiosa de Portugal, I (Limites e Formação da Cristandade)*, coord. de Ana Maria Jorge e Ana Maria Rodrigues (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001), 142-201.

<sup>71</sup> António Domingues de Sousa Costa, *Um Mestre Português em Bolonha no Século XIII, João de Deus. Vida e Obra* (Braga: Editorial Franciscana, 1957).

<sup>72</sup> António Domingues de Sousa Costa, *Mestre Silvestre e Mestre Vicente, Juristas da Contenda entre D. Afonso II e suas Irmãs* (Braga: Editorial Franciscana, 1963).

<sup>73</sup> *Ibid.*

<sup>74</sup> Nuno José Espinosa Gomes da Silva, “João das Regras e outros juristas portugueses da Universidade de Bolonha (1378-1421),” *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* 12 (1958): 223-253; António Domingues de Sousa Costa, “O célebre conselheiro e chanceler régio doutor João das Regras, clérigo conjugado e prior da colegiada de Santa Maria de Oliveira de Guimarães,” *Itinerarium* 77 (1972): 232-259.

literatura especular),<sup>75</sup> ou ainda os médicos Afonso Dinis<sup>76</sup> e Rolando de Lisboa (*Rolandus Scriptoris*);<sup>77</sup> já sobre o médico e teólogo Pedro Julião, arcebispo de Braga e, depois, papa sob o nome de João XXI, continuam ainda a subsistir várias dúvidas sobre o seu percurso intelectual e académico, potenciadas pela homonímia em torno dos vários *Petri Hispani* conhecidos da documentação.<sup>78</sup> A esse propósito, importa também recordar os problemas colocados pelo agrupamento dos escolares portugueses, nas corporações universitárias medievais, juntamente com os seus colegas leoneses, castelhanos, navarros, aragoneses e catalães, na *natio hispanica* dos estudos gerais da Cristandade transpirenaica,<sup>79</sup> tornando assim particularmente difícil a identificação de indivíduos apodados de «hispanus» – de facto, por trás deste locativo (de que o exemplo mais célebre será, precisamente, o de *Petrus Hispanus*) poderá ocultar-se um indivíduo com origem no território hoje português.

A delimitação cronológica utilizada prende-se, no caso do *terminus a quo*, com a instituição, por um lado, das mais antigas universidades europeias e, por outro, com o estabelecimento de uma entidade portuguesa diferenciada, ao menos politicamente, das restantes coroas peninsulares; o *terminus ad quem*, inicialmente marcado, de forma

---

<sup>75</sup> António Domingues de Sousa Costa, *Estudos Sobre Álvaro Pais* (Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia, 1966); João Morais Barbosa, *A Teoria Política de Álvaro Pais no Speculum Regum. Esboço de uma Fundamentação Filosófico-Jurídica* (Lisboa, 1972); id., *O De statu et planctu Ecclesiae. Estudo Crítico* (Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982).

<sup>76</sup> José Francisco Meirinhos, “Afonso de Dinis de Lisboa: percurso de um filósofo, médico, teólogo, tradutor e eclesiástico do século XIV,” *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 4 (2007): 47-64, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4193.pdf> (acedido em 20-11-2014).

<sup>77</sup> Thérèse Charmasson, “Roland l’Écrivain, médecin des ducs de Bourgogne,” *Comptes-rendus du 101<sup>e</sup> Congrès national des sociétés savantes. Lille, 1976. Section des sciences III* (1976): 21-32; id., “L’Arithmétique de Roland l’Écrivain et le *Quadripartitum numerorum* de Jean de Murs,” *Revue d’Histoire des Sciences* 31/2 (1978): 171-176, [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rhs\\_0151-4105\\_1978\\_num\\_31\\_2\\_1560](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rhs_0151-4105_1978_num_31_2_1560) (acedido em 20-11-2014).

<sup>78</sup> Vejam-se, entre muitos outros, Francisco da Gama Caeiro, “Novos elementos sobre Pedro Hispano. Contribuição para o estudo da sua biografia,” *Revista Portuguesa de Filosofia* 22/2 (1966): 157-174; Isaias da Rosa Pereira, “O canonista Petrus Hispanus Portugalsensis,” *Arquivos de História da Cultura Portuguesa* 2/4 (1968): 3-18; José Francisco Meirinhos, *Bibliotheca Manuscripta Petri Hispani. Os Manuscritos das Obras Atribuídas a Pedro Hispano* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2011); id., “Petrus Hispanus Portugalsensis? Elementos para uma diferenciação de autores,” *Revista Española de Filosofía Medieval* 3 (1996): 51-76, <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55780> (acedido em 20-11-2014); José Maria da Cruz Pontes, “Para situar Pedro Hispano Português na história da filosofia,” *Revista Portuguesa de Filosofia* 24/1 (1968): 21-45; Luís de Pina, “Pedro Hispano. Alguns subsídios para a sua biobibliografia,” *Revista Portuguesa de Filosofia* 8/3 (1952): 326-339.

<sup>79</sup> O agrupamento dos estudantes nas universidades medievais de acordo com as suas origens geográficas ou étnicas em *nações* (*nationes*) revestia uma grande diversidade tipológica, abarcando um maior ou menor grupo de nações consoante os diferentes estudos gerais. Assim, se os estudos italianos ou ingleses se organizavam, no início, numa simples divisão que privilegiava a alteridade entre dois grandes grupos (em Bolonha e Pádua os estudantes repartiam-se, numa primeira fase, entre *cismontanos* e *ultramontanos*, englobando esta última divisões mais pequenas correspondendo aos diferentes espaços políticos transalpinos; em Oxford os *Austriales* – ingleses meridionais, galeses e irlandeses – conviviam com os *Boreales* – escoceses e ingleses do Norte), nas demais academias coexistiam divisões mais aprofundadas, ora dentro de um espaço que poderíamos considerar «proto-nacional» (caso da Faculdade de Artes da Universidade de Paris, onde existiam quatro *nationes*: França – que incluía também os naturais das penínsulas hispânica e itálica –, Normandia, Picardia e Inglaterra – sendo que nesta última se contavam os estudantes das demais paragens da Europa setentrional –, ou ainda da Universidade de Salamanca, cujas nações correspondiam às províncias eclesiásticas da Hispânia – Santiago, Sevilha, Tarragona e Toledo), ora abrangendo *nationes* mais diversificadas, embora geograficamente contingentes (caso de Praga, onde existiam as nações dos checos, polacos, bávaros e saxões). Vejam-se Aleksander Gieysztor, “Management and resources,” in Walter Rüegg, ed., *A History of the University in Europe, I (Universities in the Middle Ages)*, coord. Hilde de Ridder-Symoens (Cambridge et al.: Cambridge University Press, 1992), 114-116, e ainda Hilde de Ridder-Symoens, “Mobility,” *ibid.*, 282-285.

abstracta, nos finais do século XV, por forma a incorporar as abundantes informações que o arquivo propicia para a segunda metade desse século (abrangendo assim os alvares do humanismo renascentista), foi sendo, com o progresso da investigação, conscientemente deixado de fora, por se tornar impraticável a consulta de tantos arquivos no período abrangido pelo doutoramento (com efeito, no século XV verificou-se um crescimento exponencial dos *studia generalia* na Cristandade, com a deslocalização do principal eixo geográfico das universidades do Mediterrâneo para a Europa central e setentrional).<sup>80</sup> Havendo que estabelecer uma cisão, pareceu-nos adequado escolher um evento de natureza eclesiológica, dada, como vimos, a própria essência eclesiástica dos *studia* neste período; a escolha óbvia recaía, ora sobre 1378 (data do início do Cisma do Ocidente), ora sobre 1417 (fim do mesmo Cisma), pelas repercussões que o mesmo teve no contexto universitário de então.

Os dados apurados serão, sempre possível (e até tendo em conta os resultados que têm vindo a ser divulgados noutros contextos), confrontados comparativamente com os recolhidos em estudos relativos a outros espaços europeus – designadamente o RAG, que cobre abundantemente os espaços do antigo Sacro Império. Urge, pois, proceder a um estudo de conjunto sobre o tema, interrelacionando as várias monografias já existentes na sua ampla diacronia, revendo os resultados já apresentados e conferindo-lhes significado no âmbito de um questionário comum, esperando-se que a recolha de dados nos possa permitir responder à seguinte pergunta: qual o contributo destes intelectuais formados no estrangeiro na definição de uma identidade portuguesa, num momento em que o reino de Portugal estava a nascer e, depois, a consolidar-se e a afirmar-se enquanto tal?

---

<sup>80</sup> Disso constituem exemplos, para o século XIV, as fundações na Europa Oriental – casos das universidades situadas em espaços do Sacro Império (como Praga, na Boémia, estabelecida pelo imperador Carlos IV pela bula áurea de 1348; Viena, fundada pelo arquiduque Rodolfo IV da Áustria em 1365; Heidelberg, que recebe a sua carta de fundação de Urbano VI a instâncias do eleitor palatino em 1386; ou ainda as universidades estabelecidas nas cidades livres imperiais de Erfurt, em 1379, e Colónia, em 1388) ou, mais para Leste, nos reinos da Polónia (com a instituição da Universidade de Cracóvia em 1364 pelo último monarca da casa de Piast, Casimiro III) e da Hungria (onde Luís de Anjou funda a universidade de Pécs, em 1368, e Segismundo do Luxemburgo criará um efémero estudo geral em Buda, em 1395); para o século XV, abundam os novos estabelecimentos na Europa Central, bem no coração do Império (em Leipzig, na Saxónia, em 1409; na cidade hanseática de Rostock, em 1419; em Lovaina, no Brabante, em 1425; em Greifswald, na Pomerânia, em 1456, em Freiburg, no Baden, em 1457; em Basileia, na Suíça, em 1460; em Ingolstadt, na Baviera, em 1472; na cidade imperial de Mainz, em 1476, ou em Tübingen, em Württemberg, em 1477), bem como as fundações da Europa de Leste (Pozsónyi, na Hungria, em 1465) e do Norte (na Escócia são instituídas as universidades de St. Andrews, logo em 1413 e, mais tarde, as de Glasgow, em 1451, e de Aberdeen, em 1495; por seu turno, numa Escandinávia unificada politicamente, nos derradeiros anos do século XIV, no quadro da União de Kalmar, avultam as fundações universitárias em Uppsala, na Suécia, em 1477 e, dois anos mais tarde, em Copenhaga, na Dinamarca).